



FLAVIO DUTRA/JU

Descobrir-se pesquisadora

Maria Paula Zamin, aluna de Engenharia Física, dá seus primeiros passos em pesquisa

Iniciação Científica Estudantes dos diferentes cursos da Universidade têm, nos projetos de investigação, aprendizado e desenvolvimento de carreira, além de uma possibilidade de renda

“Faz pouco tempo que comecei na pesquisa, em novembro, mas já fui capaz de desenvolver algumas habilidades com as quais antes tinha dificuldade, como organização do tempo.” É assim que Luísa Scopel, aluna do segundo semestre de Design Visual na UFRGS, resume sua experiência como bolsista voluntária em pesquisa.

Um dos programas mantidos pela Pró-reitoria de Pesquisa (Propesq), a iniciação científica visa fomentar a atividade na graduação. Segundo o pró-reitor Rafael Roesler, isso proporciona um aprendizado mais ativo para o estudante. “Um aluno que esteve na iniciação científica tem um diferencial de formação, porque na sala de aula é um processo mais passivo”, argumenta.

Foi justamente para incrementar o currículo que Luísa buscou a atividade quando ingressou no Design Visual, no segundo semestre de 2019. “Era um objetivo desde que entrei no curso, porque é um campo que possibilita um aprendizado para além da sala de aula”, conta. Por ter cursado previamente dois semestres em Engenharia Física, ela já sabia que a Universidade proporcionava oportunidades de trabalhar em pesquisa ainda na graduação.

Mesmo sendo mais difícil ter acesso à iniciação científica já no início do curso, pela falta de experiência do estudante, a vontade de pesquisar de Luísa cumpria os critérios estabelecidos pela pro-

fessora de Design Visual Clarissa Ziebel, que buscava um bolsista voluntário. “Procurei selecionar candidatos principalmente pela manifestação de interesse em aprender, não apenas por causa do conhecimento a respeito do assunto do estudo”, explica a docente.

Atualmente, mais de 65% das solicitações de bolsas remuneradas são atendidas pela Universidade, mas os recursos disponíveis ainda não são suficientes para contemplar os 2.358 pedidos realizados por pesquisadores na última chamada. É por isso que existe a possibilidade de participação voluntária dos alunos. De acordo com Rafael, esse envolvimento faz com que os estudantes recebam um certificado formal da Propesq, “igual ao do bolsista remunerado, atestando que ele participou da iniciação científica”.

No quinto semestre do curso de Jornalismo, Júlia Ozorio entrou na Universidade sem saber que era possível ter contato com pesquisa durante a graduação. “Eu não tinha conhecimento de como isso acontecia, achava que eram as pessoas por elas mesmas que iam conversar com um professor e falavam: ‘Estou com uma ideia para um artigo, quer me orientar?’”, confessa.

A imersão da aluna na iniciação científica ocorreu apenas no terceiro semestre, quando ela se vinculou como voluntária ao grupo de pesquisa Jornalismo Digital. Concomitantemente, Júlia

também era bolsista remunerada de extensão na UFRGS TV, pois precisava ter uma fonte de renda. A possibilidade de atuar em duas bolsas ao mesmo tempo, mesmo que uma fosse voluntária, não era possível até o ano passado. “O aluno que está na bolsa de extensão ou na bolsa de auxílio estudantil encontra-se em uma situação mais vulnerável economicamente. Quando a gente não permitia que ele fizesse bolsa voluntária, estávamos criando uma exclusão social para a iniciação científica”, explica o pró-reitor.

No final do ano passado, após seis meses trabalhando como voluntária, Júlia conseguiu uma bolsa remunerada. Mesmo assim, não deixou de ser bolsista voluntária, participando simultaneamente de outro projeto de pesquisa. Para ela, a iniciação científica é proveitosa tanto para quem quer continuar na academia quanto para quem irá seguir para o mercado de trabalho.

Financiamento – Na UFRGS, o Programa de Iniciação Científica oferece bolsas institucionais financiadas pela própria Universidade, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), além da possibilidade de vínculo voluntário. Segundo Rafael, a Propesq designa 70% dos seus recursos para financiar

o programa e contabiliza atualmente 1.700 bolsas distribuídas entre oito áreas do conhecimento.

O contrato dos bolsistas é de um ano e pode ser renovado a cada dois semestres sem limite de tempo para o vínculo. Já os requisitos e restrições da seleção são feitos pelos responsáveis por cada projeto de pesquisa. A Propesq cabe avaliar o mérito científico, artístico e técnico do projeto, as atividades a serem realizadas e os pré-requisitos que o pesquisador precisa ter para solicitar uma bolsa.

Carreira acadêmica – Além do interesse em aprender fora da sala de aula, os alunos têm buscado a iniciação científica por causa do desejo de seguir a carreira acadêmica. Estudante do quinto semestre de Geologia, Amanda Pericolo é um exemplo dos estudantes que buscam a atividade na graduação com objetivo de atuar como pesquisadores no futuro.

A estudante iniciou na pesquisa no terceiro semestre, mas só conseguiu uma bolsa para atuar em uma área com a qual não se identificava. A vaga para pesquisar algo de seu interesse foi conquistada no semestre seguinte: a Paleontologia (estudo das formas de vida existentes em períodos geológicos passados). “Eu aprendo coisas diferentes do que vejo em sala de aula, como se estivesse sempre colocando em prática os conhecimentos do curso”, conta.

Também decidida a seguir carreira acadêmica, a estudante de Engenharia Física Maria Paula Zamin ingressou na iniciação científica no terceiro semestre do curso. Ela confessa que foi difícil no começo administrar as disciplinas da faculdade e o trabalho na bolsa. Agora, depois de um ano de vínculo, até a timidez foi embora. “Quando cheguei, era muito retraída. Tinha medo de falar com os professores, mas depois descobri que eles querem ajudar”, relembra.

Seja pelo conhecimento ou pelo desejo de seguir na academia, a iniciação científica abre um leque de possibilidades para o estudante. “Dentre os benefícios imediatos, há o contato com alunos de mestrado e doutorado. Mais a longo prazo, o graduando pode aprender o que é uma pesquisa e se descobrir um pesquisador”, exemplifica a professora de Design Visual Clarissa Ziebel.

A estudante Maria Paula acrescenta mais um aspecto positivo da experiência: “Às vezes, ajuda a ficar na faculdade. Você pode estar desanimado porque não foi bem em uma prova ou estar cansado do semestre, mas aí lembra: ‘Eu tenho a bolsa, uma coisa que eu gosto’, o que dá uma força a mais para continuar”, conta sorrindo.

Karoline Costa,
estudante do 5.º semestre
de Jornalismo da UFRGS